

CRISTIANE SOBRAL: A POESIA COMO DIALÉTICA DO IMAGINÁRIO SÓCIO-CULTURAL.

Juliana Cristina Costa *

RESUMO

Este trabalho objetiva através dos poemas “ Espelhos Tortos” e “ Espelhos negros” da poeta Cristiane Sobral explicar os diálogos que a poesia pode exercer com o imaginário sócio- cultural brasileiro. Em consonância com Bourdieu, considerarei neste trabalho a literatura como um sistema simbólico em que ideologias são difundidas e/ou contestadas. Ainda considerarei a literatura como um discurso que age na sociedade e/ou é influenciado por ela, isto não é desconsiderá-la enquanto arte, mas sim demonstrar a sua função discursiva e seu poder gerador para a difusão de ideologias, ora estereotipadas das minorias sociais, ora enaltecidas da classe ou grupos dominantes. A vida social é constituída por relações de poder, estas que buscam delimitar as noções de verdade e de padrões.

Palavras – chave: Mundo social; texto literário; literatura contemporânea; mulher negra.

Resumen:

Este trabajo tiene como objetivo, a través de los poemas “Espelhos Tortos” y “Espelhos negros” de la poeta Cristiane Sobral , explicar los diálogos que la poesía puede ejercer con lo imaginario socio-cultural brasileño. En consonancia con Bourdieu, consideraré en este trabajo la literatura como un sistema simbólico en que las ideologías son difundidas y/o contestadas. Además, consideraré la literatura como un discurso que actúa en la sociedad y/o es influenciado por ella, esto no es desconsiderarla como arte, sino demostrar su función discursiva y su poder generador para la difusión de ideologías, ya sean estereotipadas de las minorías sociales o enaltecidas de la clase o grupos dominantes. La vida social es constituida por relaciones de poder, estas que buscan delimitar las nociones de verdad y de patrones.

Palabras clave: mundo social; texto literario; literatura contemporánea; mujer negra. .

* Mestranda do PPG Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

INTRODUÇÃO

A literatura utiliza da língua, esta que é considerada um instrumento de poder, um poder simbólico, sendo assim, é um instrumento de conhecimento e comunicação, além de ter sido por muito tempo, na história do mundo social utilizada para servir a interesses da classe dominante e também foi ferramenta de promoção de uma identidade nacional, principalmente, no período do romantismo brasileiro. Enquanto discurso, a literatura, sendo utilização da linguagem, pode ser considerada uma prática social, isto é, “entidade intermediadora entre as estruturas sociais e as ações individuais” (RAMALHO & RESENDE, 2011, p.15).

A ideologia dominante de acordo com o tempo e a sociedade em que o texto literário foi construído pode ser percebida na linguagem, pois o escritor enquanto sujeito não vive a parte das influências ideológicas da esfera social, sendo possível através do texto literário contestá-las ou reproduzi-las. Neste artigo pretendemos analisar discursivamente as representações literárias das manifestações ideológicas que são apresentadas nos poemas “Espelhos Tortos” e “Espelhos Negros” presentes no livro *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz* (2014) de Cristiane Sobral.

A partir da representação do modo como os sujeitos negros se percebem, iremos realizar a análise discursiva do texto poético concomitante a análise literária da representação do sujeito diante do que é e de como é percebido em sua estética corporal e quais esquemas de pensamento e de percepção o prescreve. O mundo social é composto por categorias de pensamento (BOURDIEU, 1989, p. 107) que configuram as visões do mundo e as identidades sociais. A literatura não é reflexo, mas sim representação da sociedade, desta maneira pode ser vista como uma difusora de visões de mundo, por conseguinte exerce uma relação dialética com o mundo social.

O território brasileiro é perpassado por várias identidades sociais e culturais e estas conjuntamente forma a identidade nacional, a brasileira. Entretanto, nossa estrutura simbólica é perpassada por valores que buscam moldar em um povo tão misto uma miragem identitária pautada no padrão branco – eurocêntrico e colonial; os estereótipos raciais estão presentes em obras literárias consagradas da literatura brasileira tal como, por exemplo, “O cortiço” cuja personagem negra Bertoleza é representada como um ser inferior.

A literatura afro-brasileira surge como denúncia a realidade racial do Brasil. Os escritores negros e escritoras negras emitem um discurso, grande parte em primeira pessoa, sobre o cotidiano do sujeito negro em uma sociedade racializada e também demonstram como a ideologia racista é naturalizada e internalizada nas relações sociais. Além disto, a literatura afro-brasileira busca construir e afirmar a identidade negra a partir da valorização de elementos culturais proveniente da ancestralidade africana e também com contestação da imposição do padrão estético branco, para tal promove a exaltação à estética negra que é tão inferiorizada pelos padrões estéticos dominante.

LITERATURA E IDENTIDADE: PALAVRA, ETHOS E PODER.

O domínio da palavra é um domínio de poder. O termo “palavra” remete a léxico e a voz, remetendo a escrita e a fala, sendo primordial para as nossas interações sociais. Através da linguagem podemos construir ethos, isto é, imagens mentais daquilo que expressamos, influenciando assim nas visões de mundo de nossos interlocutores. O teórico francês Pierre Bourdieu referindo-se ao espaço social explana:

O que existe é um *espaço de relações* o qual é tão real como um espaço geográfico, no qual as mudanças de lugar se pagam em trabalho, em esforços e sobretudo em tempo (ir de baixo para cima é guindar-se, trepar e trazer as marcas ou os estigmas desse esforço). Também as distâncias se medem nele em tempo (de ascensão ou de reconversão, por exemplo). E a probalidades da mobilização em movimentos organizados, dotados de um aparelho e de um porta-voz (precisamente aquilo que leva a falar de “classes”) será inversamente proporcional ao afastamento nesse espaço. (BOURDIEU, 1989, p.137)

Neste complexo *espaço de relações* é que as identidades vão sendo construídas e o espaço social configura-se em estrutura social, onde segundo Norman Fairclough (2003a) a “linguagem configura como um sistema semiótico”, sendo assim ao analisar a linguagem não há um foco no sujeito que a enuncia, mas nas questões ideológicas que ela apresenta. O crítico literário Edward Said (1995) em *Cultura e Imperialismo* considera que a literatura não pode ser isolada da sociedade e nem da história, portanto possibilita considerar que há uma relação dialética entre literatura, sociedade e história.

A pesquisadora Florentina Souza (2010) vê a palavra como possibilidade de ascensão, considerando a palavra literária como “uma estratégia de ingresso qualificado no mundo social e intelectual brasileiro” e também como modo de romper com os

discursos de inferioridade das autoridades de determinada época. Demonstrando assim como a literatura pode exercer o poder enquanto discurso no imaginário social.

A identidade é também social, consiste no modo como nos percebemos em relação ao modo como somos vistos. SAID (1995) considera que “nenhuma identidade pode existir por si só, sem um leque de opostos, oposições e negativas”, isto corrobora com a noção de identidade de Hall (2003) que a considera como uma construção opondo-se a uma perspectiva essencializante.

O processo de miscigenação que compõe a história brasileira originou misturas culturais e fenotípicas, entretanto ainda observamos a “imposição” social de uma identidade branca de origem eurocêntrica que molda os padrões comportamentais e estéticos, além de reproduzir e legitimar discursos que manifestam a noção de superioridade racial. Pesquisar sobre o processo histórico da construção cultural do país permite-nos relacionar o passado com as questões do presente e observar a ausência ou permanência de certas ideologias e hábitos. Sobre esta questão, SAID (1995) explana:

A invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente. O que inspira tais apelos não é apenas a divergência quanto ao que ocorreu no passado e o que teria sido esse passado, mas também a incerteza se o passado é de fato passado, morto e enterrado, ou se persiste, mesmo que talvez sob outras formas. (SAID, 1995, p.33)

A partir deste excerto é possível pensar que a história social não é perpassada de termos e surgimentos de esquemas de pensamentos como nos é ensinado em muitos livros de histórias, sendo que estes esquemas não terminam com o fim da etapa histórica em que surgem. Os conflitos raciais na sociedade brasileira ainda são alimentados por concepções coloniais acerca do Outro, a fim de exemplificação, percebemos que as concepções racistas ainda estão presentes nas relações sociais, embora historicamente temos a abolição da escravatura, esta não significou a abolição de todo o sistema de pensamento acerca do negro.

Como forma de contestar a representação estereotipada do negro e a ideologia inscrita nela e como afirmação da identidade negra a literatura afro-brasileira surge. Com escritores e escritoras que trazem na tessitura poética as vivências do sujeito negro em uma sociedade brasileira racializada. A escrita como objeto de poder que antes era restrito a uma classe, na contemporaneidade vem intensamente sendo reivindicada por diversos grupos como forma de representar suas vivências e contestar as ideologias que promovem estereótipos acerca da sua realidade. A literatura tem sido elemento

importante para configuração identitária nacional (SOUZA, 2010, p.212). O nosso nacional envolve uma diversidade cultural e identitária que resiste ao efeito homogeneizante. A literatura como instrumento de poder, o poder simbólico, este que “é uma forma transformada, irreconhecível, transfigurada e legítima das outras formas de poder” (BOURDIEU, 1989, p.15) vem sendo reivindicada por vários grupos sociais.

A METAFÓRA DO ESPELHO: MIRAGENS E REFLEXOS DA IDENTIDADE SOCIAL

A poesia é um gênero ligado a subjetividade, que envolve tanto a subjetividade de quem escreve como a de quem ler. A partir da análise do discurso crítica podemos compreender que os eventos sociais são constituídos, na maioria das vezes, por textos² permitindo a possibilidade de estabelecer uma relação dialética da poesia com o mundo social. Como forma de ilustrar esta dialética, visamos neste artigo a análise dos poemas “Espelhos tortos” e “Espelhos Negros” inseridos no livro *Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz* (2014) de Cristiane Sobral.

A metáfora do espelho já foi usada por escritores como Machado de Assis e Guimarães Rosa que escreveram contos sobre o modo como as pessoas se percebiam. No enredo, as percepções dos personagens exprimiam um olhar social e individual sobre si, ilustrando bem que nossas percepções sobre nós, e até mesmo sobre o outro, são devido aos esquemas de pensamentos e de percepção que são produtos das interações socioculturais.

Stuart Hall (2003) considera que a “cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar” (p.43) permitindo compreender a cultura como uma questão social e histórica ao invés de ser inata ao indivíduo. Sendo assim analisaremos os dois poemas a partir da relação da identidade com a cultura, ambas construções sociais, sendo o corpo, segundo Hall, uma “tela de representação”, podemos considerar que a estética corporal também manifesta ideologias, tanto na reprodução de padrões como na negação dos mesmos. O corpo se torna discurso, sendo assim uma “instância de comunicação” (PERREIRA & GOMES, 2001, p.221) que estabelece uma dialética com os discursos que permeiam o mundo social.

No poema “Espelhos tortos” podemos observar na primeira estrofe os seguintes versos:

² Notes for Norman Fairclough's *Analysing Discourse* - Edward Haig

Ela não se sentia abençoada
Tinha a pele nem tão escura
Mas a cabeleira cheia, encrespada...
Aos pés do Pai, sem paz
Sentia-se desgarrada. (SOBRAL, 2014, p.22)

Em uma relação interdiscursiva com o discurso religioso cristão, a estrofe acima representa a concepção da mulher negra acerca de si mesma diante olhar social ideológico que a recusa esteticamente. Nos versos “ Ela não se sentia abençoada/ Tinha a pele nem tão escura” podemos observar, pelas características fenotípicas representadas, o processo de miscigenação, além da subjetividade negra ser perpassada pelo referido discurso religioso que promove uma compreensão do próprio corpo. Há nesta estrofe a presença de modalizadores discursivo “nem” e “mas”, o primeiro possibilita compreender um tom de positividade quando relacionado com o “mas”, porém fornece a possibilidade da dúvida, quando relacionada com o termo “tão, acerca da tonalidade de pele da mulher representada. O segundo modalizador dá ideia de oposição e negatividade, mesmo não tendo a “ pele tão escura” o cabelo crespo é apresentado algo desabonador.

Na estrofe acima podemos perceber o discurso religioso em consonância com o discurso patriarcalista em que “ Aos pés do Pai, sem paz/ Sentia-se desgarrada”, embora seja uma menção a parábola bíblica da Ovelha desgarrada, Lucas 15, 3 – 7, estes versos podem ser compreendidos como uma alusão a submissão da mulher a ordem masculina e também manifesta ironia quando analisada intertextualmente. Na já citada parábola, o fato da ovelha se desgarrar do rebanho e do pastor é narrado como negativo, já nestes versos ocorre o contrário, a mulher se sentia “desgarrada” na presença da figura masculina.

Na segunda estrofe observamos a simbologia da cor branca relacionada à aspectos positivos:

Porque não foi feita branca
Olhos azuis
Como a imagem do Criador
O filho da Luz? (SOBRAL, 2014, p.22)

Nos versos acima, podemos perceber a noção de embranquecimento, isto é, de representar no perfil estético branco tudo o que não é. Um exemplo que o poema faz referência é a “ imagem do criador”, uma imagem fabricada ideologicamente sendo representada nos moldes do perfil estético europeu. Nesta segunda estrofe é apresentada

de maneira irônica a concepção do padrão estético branco ser o ideal. O pesquisador José D'Assunção Barros (2009) sobre a construção social da cor expressa:

Mas o que é perceber ou ser percebido como um “negro”, ou, na contrapartida, ser percebido como um “branco”? Na verdade, não se enxerga um homem como negro ou branco porque este homem é negro ou branco. Enxerga-se um homem (ou a si mesmo) como negro ou branco porque se aprendeu a enxergar os homens como negros ou brancos, ou outras categorias mais. De igual maneira, ninguém nasce negro ou branco, aprende-se a ser negro ou branco no seio de determinadas sociedades que através de indelévels e complexos processos culturais, terminaram por implantar esta forma de percepção na mente de cada um dos indivíduos que a constituem. (BARROS, 2009, p.11)

O excerto acima corrobora com a premissa de Hall da identidade ser algo construída socialmente e também de compreender os esquemas de pensamento como processos culturais que configuram as formas de percepção do sujeito acerca de si e do outro. Observemos a terceira estrofe do poema:

Orou fervorosamente
De tanto manipular produto
Com persistência
Depois de intermináveis dias
Descobriu um curioso dom
Conseguiu enfim o milagre
A cura para o cabelo “ruim”
Que bom! (SOBRAL, 2014, p.22)

Nesta estrofe percebemos o estereótipo do cabelo crespo como ruim sendo associado com uma doença que necessita de intervenção divina e também do uso de um produto químico. Em “conseguiu enfim um milagre/ A cura para o cabelo “ruim” / Que bom!”, observamos a presença da aspas no termo “ruim” que possibilita a um questionamento a partir da semântica termo: como o cabelo pode ser ruim e até mesmo bom se estas noções parte do pressuposto das ações, permitindo-nos lembrar da frase “o que o cabelo fez para ser chamado de ruim?”, que é título de uma investigação- ação feita pelo grupo transdisciplinar de pesquisa e ação direta acerca do racismo na sociedade brasileira, Frente 3 de fevereiro³ na quarta edição do Festival de Arte Negra de Belo Horizonte.

³ <http://www.frente3defevereiro.com.br>

Na penúltima estrofe do poema “ Espelhos tortos” nos deparamos com os seguintes versos:

Agora estava liberta
Em paz com a sua fé
Na Igreja sempre fica de pé
Ostentava o seu cabelo finalmente liso
Inacreditavelmente longo, que batia nas costas (SOBRAL, 2014, p.22)

O modo como uma ideologia se internalizar e se naturalizar no sujeito pode ser percebido nos versos acima. Segundo Bourdieu (1989), as ideologias são “ um produto coletivo e coletivamente apropriado que servem a interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo”, a ideologia de que o perfil estético branco é o ideal e melhor se manifesta na sociedade brasileira, embora já acha sujeitos que difundem que combatem publicamente estes padrões normativos estéticos que desvaloriza a estética não-branca.

Na última estrofe podemos ver o olhar condicionado ideologicamente na mulher sobre si mesmo, observemos os versos a seguir:

Lamentavelmente, ignorava
Ao mirar-se em seus espelhos tortos
As irônicas apostas que diziam com certeza
O seu cabelo nunca estaria nos padrões de beleza.
(SOBRAL, 2014, p.22)

Nesta última estrofe podemos perceber a metáfora do espelho, “ espelhos tortos”. O espelho é um objeto que reflete tudo que se coloca diante dele, entretanto o modo como nos percebemos, os juízos que fazemos da imagem refletida seguem esquemas de pensamentos estes construídos socialmente. Em “ dicionários de símbolos” (1989), Jean Chevalier traz a seguinte informação acerca da função do espelho:

O espelho tem apenas a função de refletir uma imagem; a alma, tornando-se um perfeito espelho, participa da imagem e por esta participação sofre uma transformação. Existe, portanto, uma configuração entre o sujeito

contemplado e o espelho que lhe contempla. A alma acaba por participar da mesma beleza para a qual ela se abre. (CHEVALIER, 1986, p.477)⁴

Nesta descrição acerca da funcionalidade do espelho, podemos compreender que a “configuração entre o sujeito contemplado e o espelho que lhe contempla” demonstra que o perceber está envolto por ideologias, sendo elas religiosas, políticas, etc; a moldar a imagem vista no espelho. A partir do uso da expressão “Espelhos tortos” podemos compreendê-la como sendo uma metáfora para as ideologias e esquemas de pensamento e conhecimento que constituem os universos simbólicos (mito, língua, arte, ciência, etc).

Bourdieu (1989) acerca das ideologias expressa que são sempre *duplamente determinadas*, isto é, determinadas pelos interesses das classes as quais exprimem como aos interesses específicos dos agentes que as produzem, indo contra a noção de que as ideologias são autossuficientes no mundo social. No poema “Espelhos Negros”, ao contrário do que ocorre no poema “Espelho Tortos” o eu-lírico fala de si e das suas percepções sobre si mesma a partir da afetividade da relação amorosa. Observemos a primeira e a segunda estrofe do poema:

Quando você apareceu
O eclipse aconteceu
Meu cabelo ficou do jeito que eu queria
Pude cozinhar o secado em “banho maria”

Ainda bem que você surgiu!
Minha autoestima refletiu
Tomei tesão como medicação a semana inteira
A mulher forte e decidida saiu da geladeira (SOBRAL,2014, p.23)

A partir da relação com outra pessoa, mediante até a identificação do eu-lírico em relação a esta pessoa expressada por “Minha autoestima refletiu”, o verbo da oração expressa a ideia de espelho e reflexo, além da ideia de eclipse que remete a ideia de escuridão, sendo uma metáfora do encontro entre o eu-lírico e a pessoa amada e das relações chamada afro-centradas, isto é, “são aquelas que envolvem escolha de e entre parceiros negros, podendo ser de diferentes gêneros e orientações sexuais.”⁵ Na terceira estrofe é representado o olhar do eu-lírico sobre si, um olhar positivo para sua negritude:

⁴ El espejo no tiene solamente por función reflejar una imagen; el alma, convirtiéndose en un perfecto espejo, participa de la imagen y por esta participación sufre una transformación. Existe pues una configuración entre el sujeto contemplado y el espejo que lo contempla. El alma acaba por participar de la belleza misma a la cual ella se abre. (CHEVALIER, 1986,p.477)

Mas eu também cheguei!
Cheguei mais perto do espelho do banheiro
Olhei e percebi quão melhor fiquei
Muito mais negra, enfrentando o mundo inteiro (SOBRAL, 2014,p.23)

O primeiro verso desta terceira estrofe pode ser relacionado com o primeiro verso da segunda estrofe: “ Ainda bem que você surgiu! ”, em que o eu-lírico expressa a felicidade com o surgimento do companheiro em sua vida que influenciou no modo como ela se percebia e a “aproximação do espelho” pode ser visto como uma metáfora do querer ser ver refletida, mas guiada por outro esquema de pensamento, ela se percebe como realmente é e se sente bem com isto.

Ainda encontramos no fim desta estrofe observamos o verso: Muito mais negra, enfrentando o mundo inteiro, o que possibilita o entendimento diante da conjuntura sociocultural, não sou brasileira como em outros lugares do mundo, que ainda é permeada de preconceitos étnicos, principalmente contra o indivíduo negro. Este verso também permite a reflexão sobre a adesão de um perfil estético não dominante como um enfrentamento social.

A última estrofe do referido poema apresenta os seguintes versos:

Nós dois, que perigo para a humanidade!
Se a comunidade negra
Forte, unida, de verdade
Começar a se reproduzir
O mundo inteiro vai sacudir (SOBRAL, 2014, p.23)

Nesta estrofe o eu-lírico explicita que a união em todos os campos da afetividade da comunidade negra promoveria empoderamento e também seria um incômodo mundial. Apresentando um discurso que se refere ao negro diásporico que está presente em vários países do mundo, possibilita compreender que a questão racial é problemática mundial.

Conclusão

O mundo Social e a literatura são compostos por textos, estes que são construídos a partir da língua, esta que é uma construção social e histórica. Pela língua, escrita ou falada, é que ocorre as interações sociais, sendo que a mesma é carregada ideologicamente pelos usos ideológicos que se cristalizam nela.

A escrita literária não é uma escrita em grau zero, esta que segundo Barthes (1997) corresponde a uma escrita inocente e indicativa apenas. Tendo como foco a historicidade

da obra literária e a partir dos conhecimentos que se pode ter das questões sociais do seu tempo, é possível estabelecer uma relação dialética entre literatura e mundo social, como modo de compreensão das ideologias sociais que penetra na língua e vão, ao longo do tempo, sendo difundidas e naturalizadas nas relações sociais.

A partir da análise dos dois poemas, “ Espelhos Tortos” e “ Espelhos Negros”, percebemos que a representação literária ocorre de modo ideológico nos referidos poemas contestando o padrão estético dominante. Podemos compreender a funcionalidade catártica destes textos como sendo o de provocar no leitor um olhar crítico para questões tão cristalizadas em nossas vidas cotidianas e que são frutos de processos culturais históricos. Este estudo constituiu uma reflexão sobre a dialética da literatura com o mundo social sem visar promover uma análise definitiva acerca desta relação, mas contribuir com o desnudamento do texto literário enquanto produto cultural e de poder.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. *O espelho (Esboço de uma teoria da alma humana)*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- AZEVEDO, Alúcio. *O cortiço*. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997
- BARROS, José D’Assunção. *A construção social da cor: diferença e desigualdade na formação da sociedade brasileira*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Difel, 1989.
- CHEVALIER, Jean. *Diccionarios de los símbolos*. Barcelona: Editorial Herder, 1986
- CHEVALIER, Jean. *Diccionarios de los símbolos*. Barcelona: Editorial Herder, 1986.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: UNB, 2001
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003
- PEREIRA, Edimilson de Almeida e GOMES, Núbia Pereira de Magalhães. *Ardis da Imagem: Exclusão étnica e violência nos discursos da cultura brasileira*. Belo Horizonte: Mazza, PUC Minas, 2001
- RAMALHO, Viviane & RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de discurso (para a crítica: O texto como material de pesquisa)*. Campinas: Pontes, 2011.
- RIBEIRO, STHEPANIE. *Relacionamento afrocentrado não é conto de fadas da Disney*. GELEDÉS. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/relacionamento-afrocentrado-nao-e-conto-de-fadas-da-disney/> Acesso em 20 AGO 2016.
- ROSA, João Guimarães. O espelho. In: _____. *Primeiras estórias*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969. p.73-74.
- SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. Tradução Denise Bottman. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SOBRAL, Cristiane. *Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz*. Brasília: Edição do autor, 2014.
- SOUZA, Florentina. *Cadernos Negros: Literatura afro-brasileira?* In: PERREIRA, Edimilson de Almeida (org). *Um tigre na floresta de signos: Estudos sobre poesia e demanda social no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza, 2010. p.212- p.227.